

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS MINERALIZAÇÕES DA PORÇÃO OESTE DO ESCUDO SUL-RIO-GRANDENSE.

Takehara, L^{1*}; Laux, JH¹; Stropper, JL¹; Scherer, OLB¹; Provenzano, CA¹; Karczeski, JL^{1, 2}

1- Serviço Geológico do Brasil – CPRM - Superintendência Porto Alegre, Brasil; 2- Estagiário-UFRGS

RESUMO: O projeto Batólito Pelotas – Terreno Tijucas faz parte de um novo estágio de desenvolvimento da geologia no Brasil pela SGB-CPRM, com levantamento de informações geológicas relevantes voltadas para recursos minerais. Essa nova abordagem tem como intuito fomentar o setor mineral brasileiro, com desenvolvimento de estudos em áreas que apresentem potencial metalogenético, denominado de Área de Relevante Interesse Mineral – ARIM. No estado do Rio Grande do Sul esta abordagem foi aplicada na porção oeste do Escudo Sul-rio-grandense, denominada ARIM Batólito Pelotas – Terreno Tijucas. Compreende 20 folhas cartográficas na escala 1:100.000, totalizando 60.000 km² em área, onde abrange os já referidos Batólito Pelotas e o Terreno Tijucas, bem como o Bloco Encruzilhada, esse último está localizado no limite dos terrenos anteriores. Nesta fase do projeto foi enfatizado as mineralizações associadas ao Batólito Pelotas e ao Bloco Encruzilhada. O Batólito Pelotas é formado em ambiente de arco continental, caracterizado por suítes graníticas neoproterozoicas entre 630 e 610 Ma com assinatura cálcico-alcálicas evoluindo para granitos alcalinos a peralcalinos pós-colisionais de idade entre 585 e 560 Ma, que podem ou não estar associado a rochas vulcânicas. No Bloco Encruzilhada ocorrem granitos da fase colisional, de idade entre 620 e 605 Ma, granitos pós-colisionais (ca. 585 Ma) e restos de embasamento paleoproterozoicos. Ao focar os principais tipos de mineralizações nestes terrenos, tais como: Pb, Sn, W e indícios de ouro em pintas de concentrados de bateia; essas refletem a estruturação do Batólito (NE-SW) e, provavelmente, o ambiente em que as rochas foram formadas. No Batólito Pelotas, o ouro (Tipo Orogênico(?)) ocorre associado às rochas mais jovens e evoluídas do ambiente de arco continental, enquanto que o chumbo mostra afinidade com rochas vulcânicas similares aos depósitos do Tipo Epitermal. A mineralização de Pb está em brechas e *stockwork* com veios de quartzo leitoso a sacaroidal, *boxworks* de sulfetos, hematita e goethita; o granito encaixante apresenta forte alteração fílica, diagnosticada por intensa sericitização e epidotização. No Bloco Encruzilhada, o estanho tem sua gênese ligada aos granitos formados em ambiente colisional, mas não somente aqueles de assinatura Tipo "S" e o tungstênio, por sua vez, possui maior afinidade com os granitos peraluminosos pós-tectônicos porfiríticos a microgranitos. A mineralização de estanho está relacionada à porção caulinizada dos granitos peraluminosos sin-tectônicos, localizada no contato com a sequência metassedimentar do Complexo Porongos. Ainda associada a essa mineralização observa-se um intenso processo de turmalinização. A mineralização de tungstênio ocorre em veios de quartzo leitoso como mineral centimétrico e também como agregados radiais de cristais menores e/ou dispersos no microgranito que corta o granito porfirítico. Essa mineralização pode estar acompanhada ou não de pirita e calcopirita, com berilo, topázio, turmalina e fluorita como minerais subordinados.

PALAVRAS-CHAVE: BATÓLITO PELOTAS, MINERALIZAÇÕES E AMBIENTES TECTÔNICOS.